

O Ateísmo Antropológico de Ludwig Feuerbach no livro *A Essência do Cristianismo*

The Anthropological Atheism of Ludwig Feuerbach in the book The Essence of Christianity

Brena de Castro Nunes Carneiro¹

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo fazer uma análise acerca de alguns pontos desenvolvidos pelo filósofo Ludwig Andreas Feuerbach (1804-1872). Utilizando-nos da obra *A Essência do Cristianismo* (1841), vamos analisar a redução da teologia em antropologia que o filósofo discorre, bem como entender a negação que a religião faz do indivíduo, através da superação da teologia que o mesmo propõe. É preciso superar esta teologia que nega o homem e desmitificar tais verdades absolutas que insistem em remeter os predicados do gênero humano a um ser metafísico e imaterial, no caso, Deus. O ateísmo desenvolvido por Feuerbach trata-se de um ateísmo antropológico, ou seja, não se caracteriza pela simples negação de Deus, mas sim um ateísmo que preserva os predicados, que a religião tende a remeter a Deus, e os reconhecem no homem, pois de acordo com Feuerbach esses predicados são genuinamente humanos. Para entendermos essa inversão feita pelo filósofo – de teologia em antropologia – precisaremos perpassar por vários outros conceitos desenvolvidos na obra trabalhada, a saber, o conceito de homem, de religião e de natureza. Podemos afirmar que é esse o tripé fundamental para entender a ideia central de *A Essência do Cristianismo*. Assim, objetivo do trabalho em questão, é a tomada de consciência do sujeito enquanto sendo o seu próprio objeto.

Palavras-chave: Homem; Deus; Religião.

Abstract: This work aims to analyze some points discussed by the philosopher Ludwig Andreas Feuerbach (1804-1872). Using the literary work *The Essence of Christianity* (1841), we will analyze the reduction of theology into anthropology discussed by the philosopher as well as the denial of the individual made by the religion. Hence, we will attempt to overcome the theology in the way proposed by the author. It is necessary to overcome this theology that denies the man and demythologize such absolute truths that insist in connecting the predicates of the human nature to a metaphysical and non-material being, in this case, God. The atheism developed by Feuerbach comprises an anthropological one, that is to say, is not characterized by the simple denial of God but it is an atheism that preserves the predicates in the man, considering them as genuinely human. In order to understand this inversion from theology towards anthropology made by the philosopher, we will need to cover many other concepts developed in the aforementioned book such as the concepts of man, religion, and nature. This is the fundamental tripod to understand the central idea of *The Christianity Essence*. Thus, this work aims to stimulate individuals to perceive themselves as their own objects.

Keywords: Man; God; Religion.

¹ Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) – linha de pesquisa Ética e Filosofia Política. Graduada em Filosofia pela mesma instituição. Bolsista da CAPES sob a orientação do Prof. Dr. Eduardo Ferreira Chagas. E-mail: brenacastronc@hotmail.com.

* * *

Para começarmos a discorrer acerca do ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach é necessário entendermos os primórdios de sua teoria desmiuçados em uma de suas principais obras *A Essência do Cristianismo*. Logo na introdução, primeiro capítulo do livro em questão, o filósofo descreve o que seria a diferença primordial entre o homem e o animal ao dizer que “os animais não têm religião” (FEUERBACH, 2013, p. 35), tal distinção fundamenta a religião. Esse primordial está relacionado à consciência, no sentido de racionalidade/saber que não é atribuída aos animais. Consciência, nos termos que Feuerbach se refere, está ligada a razão, coisa que os animais não possuem, porém, consciência no sentido de reconhecimento de si, de instinto, está presente nos animais.

Das diferenças entre os homens e os animais, pontuam-se os tipos de consciências. No humano, ela é do tipo rigorosa, e no animal, como citado acima, é do tipo intuitiva (intuição). A consciência no homem possibilita sua relação com o outro, por isso é rigorosa, quando “para um ser, é objeto o seu gênero” (FEUERBACH, 2013, p. 35). Ou seja, para Feuerbach o homem possui uma vida dupla, pois é capaz de se relacionar consigo e com o seu gênero. “O homem é pra si ao mesmo tempo eu e tu; ele pode se colocar no lugar do outro exatamente porque o seu gênero, a sua essência, não somente a sua individualidade, é para ele objeto” (FEUERBACH, 2013, p. 36). Adriana Serrão, em consonância com Feuerbach, nos aponta que existe uma diferença entre a existência finita e a essência infinita, porém isto só é verificado através da consciência, e a consciência capaz de analisar tal sequência é a humana².

De acordo com Feuerbach, religião é a consciência do infinito e só os humanos têm essa consciência, que está relacionada à infinitude da consciência humana, pois não se pode pensar aquilo que lhe é estranho. “A consciência do infinito não é nada mais do que a consciência da infinitude da consciência” (FEUERBACH, 2013, p. 36). Porém, é necessário saber que o que fundamenta o homem não é apenas a consciência, mas sim, também, princípios como a razão, a vontade e o coração, ou seja, a trindade divina do homem, este só é o que é através desses fundamentos, que são inerentes ao ser humano.

A trindade divina do homem é a que está acima do homem individual é a unidade da razão, amor e vontade. Razão (imaginação, fantasia,

² SERRÃO, Adriana. *A humanidade da razão: Ludwig Feuerbach e o projeto de uma antropologia integral*. Op. cit., p. 51. “Mas a distinção entre a existência finita, que define a individualidade de um indivíduo, e a essência infinita, que pertence a todos, apenas pode ser reconhecida pela consciência”.

representação, opinião). Vontade, amor ou coração não são poderes que o homem possui – porque ele nada é sem eles, ele só é através deles –, são, pois, como os elementos que fundamentam a essência e que ele nem possui e nem produz, poderes que o animam, determinam e dominam – poderes divinos, absolutos, aos quais ele não pode oferecer resistência (FEUERBACH, 2013, p. 36-37).

O homem não pode resistir e negar esses princípios, pois eles são próprios para construir a essência do indivíduo. Feuerbach afirma que o homem precisa de objeto, ele nada é sem este, porém a essência desse objeto (no caso, Deus), nada mais é do que a essência do próprio indivíduo, e é aí que entra a necessidade do autoconhecimento do homem, é nesse ponto que vai se desenvolver *A Essência do Cristianismo*.

Sánchez Vázquez questiona a afirmativa que Feuerbach faz na obra em questão ao declarar que o homem só é através dos seus objetos. Deus é objeto do homem, porém é um produto da consciência humana que está em fase de alienação, portanto não se constitui enquanto objeto inato ao indivíduo. Já os objetos que se constituem enquanto parte essencial da essência humana são razão, vontade e amor. Esses são inatos e estranha-los quando os afirma como objetos de outro – o que a religião faz quando atribui essas características a Deus – é então negar o próprio homem. Vázquez, ao citar a crítica que Karl Marx faz a Feuerbach³, afirma que este não trabalha o lado ativo do sujeito ao reiterar que a consciência alienada é quem produz a religião. Assim declara que *A Essência do Cristianismo* se trata de uma análise sobre uma consciência deformada. Porém em Feuerbach este é apenas um momento da consciência, apesar de considerar esta inata ao sujeito ele também admite que ela é um produto da materialidade da história, portanto a reprodução de uma ideia de Deus está relacionada também à história e ao sentimento de dependência que é tão presente nos homens, portanto quando esta consciência atingir sua emancipação a história das religiões se modificará gradativamente até o ponto dos indivíduos atingirem a noção que não são dependentes do transcendente, mas sim de si e do outro⁴.

Os homens se reconhecem através dos objetos, daquilo que os objetos representam e “oferecem” a eles. “Pelo fato dele os ver e os ver da forma que ele os vê, tudo isso já é um testemunho da sua própria essência” (FEUERBACH, 2013 p. 38), ou

³ Para Marx, Feuerbach se equivocou ao conferir à religião como causadora de toda a alienação dos homens.

⁴ Apesar de Feuerbach aceitar e defender a consciência como inata aos indivíduos ele entende que a forma como esta vai se desenvolver depende do meio e das relações sociais, bem como da educação. Ou seja, todos os humanos têm consciência, mas a potencialização dela vai depender da realidade material, social e das oportunidades de cada indivíduo.

seja, a significação que o homem dá para as coisas fala bem mais sobre a essência do homem do que a essência da coisa em si, porém o mesmo não tem consciência disto⁵. É a partir de tais premissas que Feuerbach afirma que o Deus do homem, na verdade, é a essência do próprio homem. “Por isso, qualquer objeto de que tomemos consciência, fará simultaneamente que tomemos consciência da nossa própria essência; não podemos confirmar nada sem confirmarmos a nós mesmos” (FEUERBACH, 2013, p. 39), ou seja, qualquer objeto conhecido pelo indivíduo terá a narrativa do mesmo.

Feuerbach afirma que forças como vontade, sentimento e razão são infinitas, se pusessemos uma finitude em tais predicados estaríamos os anulando, e assim, anulando o próprio homem, pois como dito anteriormente, tais forças são inerentes ao ser humano. A consciência, por sua vez, é a característica de um ser perfeito; a ideia de Deus é formulada através desta. Portanto, só o homem, enquanto um ser perfeito possui tal consciência. O homem é vaidoso, e vaidade está relacionada com a admiração de si mesmo. Feuerbach não aceita a afirmativa de que o homem e a razão são limitadas. De acordo com ele, o indivíduo só pode ter consciência da sua limitação, e nunca deve relacionar a limitação de si com a do seu gênero. A saber, a noção de onipotente que o homem relaciona a Deus, tem fundamento na *ilimitação* da consciência e do gênero humano.

Uma limitação que reconheço como minha limitação, esta me humilha, me envergonha e me intranquiliza. Então, para me libertar deste sentimento de vergonha, desta intranquilidade, faço das limitações da minha individualidade as limitações da própria essência humana (FEUERBACH, 2013, p. 40).

Como se pode observar, a partir do material subscrito, para Feuerbach o homem jamais pode tirar a sua limitação como a limitação do gênero. Sendo assim, tal constatação é fundamental.

Os indivíduos tendem a fazer isso, pois não aceitam as suas limitações enquanto ser pessoal. A essência de Deus é a essência do sentimento, o que tem de mais puro e divino nos homens. O sentimento só pode ser reconhecido através de si mesmo, através de sua essência, assim é com Deus, que só pode ser reconhecido através da essência do sentimento, que é a natureza de Deus. Essa mudança de objeto, da essência do sentimento, para um ser metafísico – Deus – faz com que ocorra um estranhamento

⁵ Assim é também com a natureza quando o homem a analisa de acordo com as suas concepções. É daí que o homem vai perceber a sua finitude através dela, pois vai encontrar na natureza coisas que vão para além do seu entendimento.

de tal essência, à medida que ela é atribuída a outro objeto. Isso porque a religião toma o Sentimento como um princípio religioso e anula a sua efetividade por si mesmo. De acordo com Feuerbach, “o sentimento é ateu, no sentido da crença ortodoxa que como tal associa a religião a um objeto exterior; o sentimento nega um Deus objetivo – ele é um Deus para si mesmo” (FEUERBACH, 2013 p. 43). Feuerbach se utiliza do sentimento para exemplificar que o homem tem origem em si mesmo, o sentimento do indivíduo tem que partir de si, e nunca de outro. Diante disso, o filósofo afirma que formulações de um ser metafísico sempre tiveram origem na essência do homem (referindo a uma religião nos moldes cristãos), ainda que estas sejam características mais elevadas, mas sua origem estará nos predicados do gênero humano.

A consciência é responsável por criar Deus, e Feuerbach vai ainda mais a fundo quando nos afirma que é o sentimento de dependência que parte desta sendo o responsável por pensar o “Salvador”, pois a “afecção procede o pensamento” (FEUERBACH, 2002, p. 25). O medo cria a necessidade de um ser onipotente. Já nas *Preleções sobre a Essência da Religião* Feuerbach nos afirma que o medo é “uma parte integrante e essencial da religião” (FEUERBACH, 2009, p. 42). O sentimento de dependência é o seu fundamento, porém não é originado somente através dele, o desejo de uma vida eterna e longe de sofrimentos também constitui como fatores que alicerçam a religião. Assim, Feuerbach afirma-nos que “Se o homem não morresse, se vivesse eternamente, não existiria religião” (FEUERBACH, 2009, p. 46). É na dor e não aceitação da morte que a religião se fortalece, pois, “somente o tumulto do homem é o berço dos deuses” (FEUERBACH, 2009, p. 47).

É sabido que quando Feuerbach começa a introduzir sobre a religião ele afirma que é a essência de Deus, a essência do próprio homem, e só é possível conhecer Deus através do homem e conhecer o homem através de Deus. Deus é a manifestação dos sentimentos mais íntimos dos homens, e esses sentimentos são exteriorizados através da religião.

Deus é a intimidade revelada, o pronunciamento do Eu do homem; a religião é uma revelação solene das preciosidades ocultas do homem, a confissão dos seus mais íntimos pensamentos, a manifestação pública dos seus segredos de amor (FEUERBACH, 2013, p. 44).

Desta forma, é possível saber que a essência de Deus, a essência da religião, dialoga muito mais com o próprio homem do que com Deus e a teologia, pois, tais são a essência do humano exteriorizada, objetivada em um ser fantasioso. Porém, é necessário

entender, que ao afirmar tal sequência, não estaria Feuerbach afirmando que o homem tem consciência de que a essência de Deus é, na verdade, a sua essência objetivada, pelo contrário, o indivíduo não tem compreensão de tal afirmativa, daí é que está o princípio que fundamenta a essência da religião. “O homem transporta primeiramente a sua essência para fora de si, antes de encontrá-la dentro de si” (FEUERBACH, 2013, p. 45). Feuerbach compara a essência da religião com o momento da vida infantil, afirmando que a criança vê a sua essência fora de si, através do adulto, e o indivíduo adulto, por sua vez, vê a sua essência através de Deus.

E a nossa intenção é exatamente provar que a oposição entre o divino e o humano é apenas ilusória, i.e., nada mais do que é a oposição entre a essência humana e o indivíduo humano, que consequentemente também o objeto e o conteúdo da religião cristã é inteiramente humano (FEUERBACH, 2013, p. 45).

Quando Feuerbach insere a discussão sobre ateísmo ele afirma que aquele que é visto como ateu é quem nega o objeto, quem nega Deus, porém este não nega os predicados, que são genuinamente, predicados humanos; se assim fosse, o indivíduo ao negar Deus e negar seus predicados, estaria se anulando. “Anular todas as qualidades é o mesmo que a anular a própria essência” (FEUERBACH, 2013, p. 46).

Para Feuerbach, em um estágio de vida após a morte, ou seja, em um possível “paraíso”, o homem se tornaria um ser sem vontades e sem sentimentos, pois nesse mundo pós-morte/mundo “perfeito” os indivíduos viveriam meramente de acordo com as determinações, com o intuito de agradar a Deus. Desta forma, viver de tal maneira anularia o homem.

Podemos afirmar que a teologia cristã nega o homem⁶, pois ela cria um ser superior e *desantropomorfizado*, ou seja, sem os predicados como sendo humanos. Diferente de Hegel, que afirma que a ideia que o homem tem de Deus é na verdade a ideia de Deus sobre si mesmo, é a consciência de Deus manifestada no homem, Feuerbach, por sua vez afirma que a ideia de Deus no homem trata-se da sua própria essência objetivada, ou seja, “não foi Deus quem criou o homem, mas o homem quem criou Deus à sua imagem e semelhança” (CHAGAS, 2010, p. 66). Deus só e para o

⁶ A teologia cristã afirma que os predicados presentes no homem foram retirados de Deus. Este deu aos homens suas qualidades – porém não quantitativamente, tendo em vista que o homem é finito e Deus infinito, que o homem é limitado e Deus ilimitado – e o fez à sua imagem e semelhança. De acordo com a teologia, Deus é superior, onipotente, amor e bondade, enquanto o homem é inferior e pecador.

humano, portanto só podendo ser conhecido e representado por ele⁷. Aplicando essa teoria, Feuerbach desenvolve a sua transformação de teologia em antropologia.

[...] a consciência do homem de Deus é a sua autoconsciência, chama ele mesmo atenção para o fato de que o homem religioso não é a si imediatamente consciente de que sua consciência de Deus é a própria consciência de sua essência, porque a ausência dessa consciência fundamenta *de facto* a essência da religião cristã (CHAGAS, 2014, p. 79, grifo do autor).

O cristianismo não nega apenas o homem como objeto de si mesmo, mas também nega a natureza. Nele podemos perceber “um completo desprezo à natureza, pois nele foi consumado o espírito como imaterial [...] e Deus como um ser que existe para si” (CHAGAS, 2010, p. 58). Feuerbach discorre sobre a natureza ser material, portanto, não podendo ter sido retirada de um ser imaterial, “a partir do nada, nada” (FEUERBACH, 2013, p. 106). Desta forma, observamos que a teoria feuerbachiana admite que a natureza não é criada, ela é causa dela mesma, por conseguinte, ela é anterior ao espírito, este é quem depende da natureza. A teologia cristã afirma que foi Deus quem criou a natureza e que este é capaz de manipulá-la. A religião em questão nega a natureza, pois esta deixa latente a questão da finitude e a impotência do homem frente a ela.

Diferente de Kant, em sua terceira crítica, a saber, *Crítica da Faculdade de Julgar*, que defende que devemos ver uma teleologia na natureza, uma finalidade, Feuerbach discorre o contrário, para ele não existe um fim na natureza, ela é para si e por si mesma, como citado anteriormente, ela é material. Feuerbach não defende uma filosofia da natureza, pois ele não busca uma causa nela, ele está preocupado apenas com a sua materialidade, afirmando assim a sua posição enquanto um filósofo materialista.

A quimera de um ser infinito e ilimitado pode ser explicada pela necessidade que o homem tem de transpor as barreiras da natureza. O homem cria um ser místico, Deus, que é o causador e criador de todas as coisas. Através da negação da natureza é que o homem busca superar os limites do corpo, como a morte. É a tentativa de alcançar o mundo perfeito, a infinitude, a vida após a morte, o ser humano ideal. O homem postula a natureza enquanto criação de Deus, pois deseja que ela esteja disposta aos seus prazeres.

⁷ FEUERBACH, Ludwig. *Princípios da filosofia do futuro*. Op. cit., p. 42: “[...] Deus é objeto do homem e só do homem, não do animal. Mas o que um ser é só se conhece a partir do seu objeto; o objeto a que necessariamente se refere um ser nada mais é do que a sua essência revelada”.

O caminho que Feuerbach percorre quando conceitua a sua noção de natureza se constitui enquanto continuidade para a sua negação de Deus. Para ele, tudo o que existe fora do homem é e pertence à natureza. A evolução e desenvolvimentos humanos não dependem de nenhum transcendental, mas sim, tão somente da natureza. Para Feuerbach, se algo deseja se caracterizar enquanto inseparável do humano, algo que o homem é verdadeiramente dependente, isto deveria ser a natureza e não um ser metafísico. Nenhum espírito é capaz de dominar a natureza, se existe alguma fantasia está é proveniente do próprio homem que imagina coisas sobrenaturais no agir material da natureza que não tem nada de místico.

[...] a natureza é verdadeiramente possuída por um espírito, porém este espírito é o do homem, é sua própria fantasia, sua própria alma que involuntariamente se introduz na natureza e faz dela um símbolo e um reflexo da sua própria essência humana (FEUERBACH, 2008, p. 30).

Diferente do que o cristianismo prega, Feuerbach afirma que o homem só é através da natureza, ele necessita dela. Pois o homem, assim como a natureza, é sensível. Ela é por ela e para ela mesma. A natureza causa medo no ser humano, por isso ele projeta um ser superior que com toda a sua onipotência a manipule. Para o autor, a natureza é uma totalidade de contradição, de espaço e tempo. Ela é tudo o que o homem não é. Tudo aquilo que não é produto da razão. Ela não tem nada de mística, não tem vontade nem razão, é objetiva. A natureza não é de importância do cristianismo, pois ela mostra as limitações do homem, desvela a insignificância do homem frente a ela, e o cristianismo sem o homem nada é, pois é o homem o objeto da religião e Deus precisa do homem para existir. O cristianismo anseia uma vida sem os limites do corpo, sem os limites impostos pela natureza.

Você é obrigado a crer que Deus é um ser existente porque se vê obrigado pela natureza a reconhecer que acima da tua consciência e da tua existência está a sua, e o primeiro conceito base de Deus não é nenhum outro se não este: aquele que é um ser cuja existência precede a sua, tua existência pressupõe a sua (FEUERBACH, 2008, p. 31).

Ou seja, a necessidade de Deus surge quando os indivíduos não conseguem explicar todas as questões da natureza, quando não conseguem aceitar que ela é superior aos homens e que eles são dependentes dela. A natureza é para si, e não um instrumento que está aí para satisfazer os indivíduos, mas que serve como um apoio e é responsável pelo desenvolvimento dos mesmos.

Assim, o intuito de Feuerbach não se caracteriza em destruir o deísmo e a teologia e acrescentar novos ídolos, não se trata de endeusar o humano e nem a natureza, mas enxerga-los em suas totalidades e contradições. Fazer com que o homem tome consciência de que é um ser físico, material e que necessita dela para sobreviver. Porém, atingindo a compreensão da materialidade da natureza e entendendo que ela não possui razão, sentimento e nem vontade.

Dentre as considerações, o que nos fica claro de acordo com a filosofia de Feuerbach nos escritos de *A Essência do Cristianismo* e das obras de apoio, é que o homem tem que se reconhecer através de si mesmo, tomar consciência da sua essência, ser humano, ter “humanidade” consigo e com o outro por determinações através de si, e não por medo ou reverência a um ser metafísico. Pois, a necessidade de um ser superior nada mais é do que uma maneira que o ser humano encontrou para superar a sua finitude. Tudo o que existe no campo racional é referente ao homem. O que está para além do homem é a natureza, que é objetiva. Assim como Deus é uma projeção das qualidades humanas, a religião também é projeção do homem. É necessário atingir o suprasumo da consciência e chegar ao entendimento de que Deus, não é nada além do que próprio indivíduo.

Referências Bibliográficas

CHAGAS, E. F.; REYDSON, D.; PAULA, M. G. de (ORGS.). *Homem e natureza em Ludwig Feuerbach*. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

CHAGAS, E. F. Religião: o homem como imagem de Deus ou Deus como imagem do homem? In. OLINDA, E. M. B. (ORG.). *Formação Humana: Liberdade e Historicidade*. Fortaleza: Editora UFC, 2004, p. 86-105.

_____. *A aversão do cristianismo à natureza em Feuerbach*. *Philosophos*, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 57-82, julho/dezembro, 2010.

_____. *A religião em Feuerbach: Deus não é Deus, mas o homem e/ou a natureza divinizados*. *Revista Dialectus*, Ano 2, n. 4, janeiro/junho, 2014.

FEUERBACH, L. *A essência do cristianismo*. Trad. José da Silva Brandão. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

_____. *Preleções sobre a essência da religião*. Trad. José da Silva Brandão. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

_____. *Princípios da filosofia do futuro*. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 2002.

_____. *La esencia de la religión*. 2ª Ed. Trad. Tomás Cuadrado Pescador. Madrid: Editorial Páginas de Espumas, 2008.

KANT, I. *Crítica da faculdade do juízo*. Trad. Valério Rohden; Antônio Marques. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

SANCHEZ VAZQUEZ, A. *Filosofía de la praxis*. 3ª Ed. Colección Enlance. México: Editorial Grijalbo, 1980.

SERRÃO, A. V. *A humanidade da razão: Ludwig Feuerbach e o projeto de uma antropologia integral*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1999.

SOUZA, D. G. de. *O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.